

# Fenomenologia e Educação<sup>1</sup>

Iraquitan de Oliveira Caminha\*  
Data de submissão: 11 mai. 2012  
Data de aprovação: 15 jun. 2012

## Resumo

O objetivo do artigo é indicar contribuições da fenomenologia para a educação. Parte-se de uma breve contextualização do significado de fenomenologia como reaprender a ver o mundo e procura-se investigar, a partir dessa caracterização, alguns interessantes aportes para a educação.

**Palavras-chave:** Fenomenologia. Educação. Corpo.

## Abstract

The intention of this paper is to indicate contributions of the phenomenology to education. It starts with a brief contextualization of the meaning of phenomenology how relearn to see the world and seeks to investigate, from this characterization, some interesting contributions to education.

**Keywords:** Phenomenology. Education. Body.

## Introdução

Propor-nos-emos a pensar um problema, que poderia ser formulado nos seguintes termos: quais as contribuições da fenomenologia para a educação? Para responder a essa pergunta, faremos uma breve introdução sobre nosso entendimento do que significa fenomenologia e, em seguida, buscaremos apontar algumas contribuições da fenomenologia para a prática educativa.

A fenomenologia é um método de investigação filosófica, que consiste em descrever, de forma rigorosa, aquilo que aparece à consciência.

---

<sup>1</sup> O presente artigo nasceu por ocasião de uma conferência realizada na XII Semana de Educação da Universidade de Londrina, “Filosofia e Educação: contrapontos” (2010). Gostaríamos de agradecer à Profa. Leoni Henning pelo gentil convite.

\* Doutor em filosofia pela Université Catholique de Louvain, professor do Curso de Doutorado Integrado em Filosofia promovido pela UFRN, UFPB e UFPE. (E-mail: [caminhairaquitan@gmail.com](mailto:caminhairaquitan@gmail.com) — Programa de Pós-Graduação em Filosofia, Campus I - Bloco Humanístico - Cidade Universitária - João Pessoa - PB; CEP 58059-900).

Definir a essência daquilo que se mostra à consciência é o esforço de se alcançar a verdade, trabalho típico da filosofia. Aprender a essência das coisas é a tarefa fundamental da filosofia assumida por Husserl. Nesse sentido, a fenomenologia tem como objeto de estudo o fenômeno e não a realidade concebida em si mesma e desprovida das intenções do sujeito que a percebe.

Retornar às coisas mesmas, pondo entre parênteses quaisquer teorias científicas ou de outro tipo sobre as coisas, é o lema da fenomenologia. O método fenomenológico deve se ater à descrição das experiências que temos das coisas. Logo, a fenomenologia é centrada na noção de sujeito. Mas, o sujeito concebido como situado no mundo ou, como diz Merleau-Ponty, como consciência encarnada ou engajada. Não se concebe o sujeito como existência para si, desprovido de corpo. A perspectiva não é de exaltar a existência do sujeito separada do mundo ou decretar sua morte, mas resignificá-lo a partir da experiência perceptiva.

Para tanto, a experiência concreta passa a ser mais importante do que teorizações abstratas. O retorno às coisas mesmas é o princípio fundamental de um método descritivo, que pretende recuperar o sentido originário do ser do “mundo percebido” tal como ele nos está presente antes de qualquer preconceito (MERLEAU-PONTY, 1992). É nesse contexto que para Merleau-Ponty o tema da percepção torna-se central para a filosofia.

A percepção não é tratada por Merleau-Ponty como uma simples noção no cenário conceitual da psicologia moderna, mas muito pelo contrário, como a experiência de se relacionar com a existência do próprio mundo, antes de toda determinação ou objetivação. O projeto fenomenológico consiste em descrever o processo que faz da percepção a experiência de perceber o mundo, cuja aparência não pode ser desdobrada fora de cada um dos aparecimentos em que ele se manifesta.

Assim, quando a fenomenologia propõe um retorno às coisas mesmas deseja considerá-las como fenômenos. É nesse contexto que falamos de fenomenologia. A realidade é aparição para uma consciência que a percebe e não um aglomerado de coisas em si. Husserl direciona sua pesquisa fenomenológica no sentido de ter acesso aos vários modos de doação das coisas para a consciência perceptiva. As coisas, que eram consideradas pelas ciências como objetos puros e simples, ganham agora o caráter de objetos intencionais. Os objetos investigados são sempre percebidos. Desse modo, a experiência perceptiva se confunde com a própria fenomenologia (CAMINHA, 2010). É por essa razão que os conceitos de percepção e de corpo ganham uma atenção especial no cenário da filosofia de Merleau-Ponty.

Se nós queremos compreender a experiência de perceber em sua operação efetiva, não podemos afirmar uma significação presuntiva do objeto, sem nos perguntarmos como essa significação se faz presente por meio do campo perceptivo de nossa experiência de perceber. Os movimentos de se pôr a ver revelam a experiência do mundo tal como ele nos aparece, enquanto somos corpos situados no mundo, quer dizer, enquanto percebemos o mundo com o nosso próprio corpo.

Merleau-Ponty (1992) acusa a ciência de manipular as coisas, mas não de habitá-las. Ela adota o procedimento de sobrevoar as coisas sem considerar que aquele que as percebe habita o mesmo mundo das coisas. O cientista estabelece uma relação objetiva com aquilo que é estudado. A fenomenologia propõe, ao contrário, uma relação marcada pela redução fenomenológica, que consiste em considerar o objeto tal como ele se manifesta a um eu. Por exemplo, para Husserl (2006), a ciência estuda a árvore como objeto puro e simples que pode pegar fogo ou pode ser dissolvida em seus elementos químicos. A fenomenologia considera a árvore enquanto sentido percebido por um sujeito. Ela se propõe alcançar a essência inerente à árvore por meio de seus modos de aparecer enquanto fenômeno ao sujeito que percebe.

É com base na perspectiva fenomenológica de objeto intencional que o corpo humano não é o corpo considerado de maneira totalmente objetiva, sempre visto como um dado na terceira pessoa, quer dizer, como um “ele é” coisificado (*Körper*). Ao contrário, trata-se do corpo no sentido de “corpo próprio” ou do “corpo vivo” (MERLEAU-PONTY, 1992). Isso significa que o corpo não é uma coisa material, de natureza inanimada, ou associada a uma consciência separada de uma vida sensível. O corpo é, para Merleau-Ponty, uma existência indivisa que nós vivemos como uma vida que sempre nos pertence (*Leib*). Devemos notar que, quando se fala do corpo, nessa perspectiva, o filósofo quer, em última análise, abordá-lo como “corpo fenomenal”, cujo modo de ser para nós não passa pelo mundo objetivo considerado em si.

O corpo que nós vivemos não é um objeto transparente, que se introduz em nosso campo de visão como um objeto exterior (VAN PEURSEN, 1979), mas, essencialmente, uma vida que assumimos como uma estrutura sempre presente em todas as nossas ações e que sempre toma lugar em nossa experiência de perceber.

A fenomenologia é um método que nos proporciona o caminho de se buscar o acesso ao mundo originalmente pela percepção e não pelas explicações elaboradas da tradição técnico-científica. Nesse sentido, propomos que essa concepção de fenomenologia seja a referência para apontarmos as contribuições da fenomenologia para a educação.

## Corpo, Conhecimento e Educação

Nunca se falou tanto do corpo. O corpo está em evidência. O corpo é tema central de inúmeras discussões sobre hábitos alimentares, estética, uso de próteses, preocupações higiênicas, uso de adornos e cosméticos, bem como práticas regulares de exercícios físicos. Clínicas, academias, clubes cuidam dos corpos. Inúmeros profissionais se dedicam a formar corpos saudáveis e belos. E, contudo, como nunca antes, o corpo parece sujeito à coisificação.

A fenomenologia pode contribuir decisivamente para uma melhor compreensão do corpo. Para um olhar fenomenológico, como o de Merleau-Ponty, não somos um sujeito que tem um corpo como coisa, mas somos corpo sujeito que se constitui permanentemente em nossas experiências com o mundo e com o outro.

Antes de concebermos o mundo visível como aquilo que, efetivamente, aparece visível em nosso campo perceptivo, é preciso levar em consideração o corpo que se lança no mundo com seus movimentos de se pôr a olhar. Esses movimentos revelam a experiência do mundo tal como ele nos aparece, enquanto somos corpos situados no mundo. Assim, mesmo que não se possa ver, efetivamente, alguma coisa em sua plenitude, o nosso campo perceptivo é correlativo a nossa presença no mundo, vivida pelos movimentos do corpo, que se põem a olhar. Nesse sentido, a primeira grande contribuição da fenomenologia para a educação é apontar a centralidade do corpo como sujeito do conhecimento. Isso representa, sem dúvida, a inauguração de novas perspectivas sobre o corpo e, conseqüentemente, sobre a educação.

É no cenário da modernidade, tomando como referência o século das Luzes, que a educação escolar ganha uma nova perspectiva de formação. O século XVIII é marcado por um movimento de educação obrigatória para todos e sob a responsabilidade do Estado. Na Europa, a escola não poderia ser reduzida a um espaço de formação para seminaristas que deveriam servir aos interesses da Igreja Católica. O foco da educação passa a ser a formação do homem cidadão e o progresso das ciências. O significado do corpo, a partir de então, também sofre alterações e ganha novas perspectivas. Pelo viés da biologia, podemos definir o corpo do ser humano como um conjunto de ossos, músculos e órgãos. Desse modo o corpo é visto, como uma realidade objetiva estudada nos laboratórios de anatomia, fisiologia e bioquímica. O corpo é concebido como um ser vivo, entre outros seres vivos. Em outras palavras, ele é um organismo regido por mecanismos físico-químicos.

A fenomenologia não nega essa perspectiva, mas a ressignifica, mostrando que ela é, justamente, uma perspectiva entre outras. O corpo humano não pode ser reduzido a um objeto positivo de investigação experimental. Além de ser um conjunto de matéria sujeita a uma série de relações causais, ele é, como diz Merleau-Ponty (1992), na *Fenomenologia da Percepção*, nosso ponto de vista sobre o mundo. Nosso corpo, enquanto vivido, é a nossa experiência de nos situarmos intencionalmente no mundo. Nosso corpo não está apenas localizado no espaço como uma coisa no meio de outras, mas ele se situa em relação ao mundo, conferindo-lhe sentido.

Desse modo, nosso corpo não vê o mundo como se o olho fosse apenas um receptáculo de estímulos físicos. Nós temos o poder de lançar nosso olhar para o mundo, estabelecendo com ele uma relação intencional e não apenas de causa e efeito. Os movimentos do corpo até podem ser vistos como comportamentos motores respondendo mecanicamente a estímulos do meio ambiente. Todavia, também podemos compreender o corpo humano como um sistema de comunicação que expressa diferentes formas de viver.

Tomando a educação em seu sentido mais original como *educere*, que significa conduzir para fora, ou seja, conduzir o ser humano do espaço privado para o público, a fenomenologia pode nos ensinar que educar exige um engajamento de cuidar do outro (*educare*) para que coletivamente possamos construir formas de se viver no mundo. Somos dotados de uma herança biológica, que nos define como organismos vivos. Mas também construímos um modo de ser cultural, que nos define como inventores de formas de vida. A fenomenologia nos ajuda a revelar nossa condição de sermos artesãos de formas de vida.

O corpo é ser-no-mundo, submetido a uma condição existencial já dada, e é também a expressão de uma existência assumida. O corpo não apenas “é”, mas inventa um sentido para existir. Logo, o corpo tem uma existência anônima e uma existência pessoal. A primeira se refere ao corpo como refém de um mundo já dado que não podemos escolher. A segunda diz respeito ao corpo aberto a uma história ou uma existência em primeira pessoa a partir de relações instauradas com outros corpos.

Sabemos que a escola é o lugar da instrução por excelência. Lá aprendemos, sobretudo, a nossa língua pátria e os saberes científicos produzidos por nossa cultura. Sem querer reduzir os processos educativos ao cenário da escola, ela certamente merece um destaque para a educação hoje, porque ela goza ainda de um papel significativo na formação cultural

do mundo contemporâneo. Mas, o que a fenomenologia tem a dizer para a escola? Em poucas palavras: sobre a natureza filosófica da educação.

Inspirado no método fenomenológico, Merleau-Ponty diz que a verdadeira filosofia é reaprender a ver o mundo. Todavia, a escola ainda parece se distanciar dessa perspectiva. Os saberes se transformaram em informações que devem ser repassadas. Orientada nessa direção, não se educa, não se conduz para fora, não se rompe a estabilidade do que já é, não se descobre o mundo em sua novidade. Para tanto, com base em Merleau-Ponty, é preciso repensar os processos educativos e valorizar a criatividade vivida pelo corpo como sujeito do conhecimento.

Segundo Merleau-Ponty (1992, p. XII), “O mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; sou aberto ao mundo, me comunico com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável”. Nesse sentido, a intencionalidade deixa de ser um atributo da consciência para ser característica da atividade de um corpo que se dirige permanentemente para o mundo, já estando nele.

A preocupação constante com o “reaprender a ver o mundo” reivindica para o processo educativo a instauração de um modo de educar que privilegie uma forma de pensar criativa e capaz de renovar, quando o caminho traçado pela educação tradicional é responder de forma mecânica e rápida às questões que garantem o melhor desempenho acadêmico. Pensar a educação numa perspectiva fenomenológica exige que busquemos formas de superar uma prática pedagógica centrada na instrumentalização. A educação não deve ser apenas o esforço de construir instrumentos com base nas ciências que explicam o mundo.

Nesse sentido, decorrente da perspectiva fenomenológica de se apontar a centralidade do corpo como sujeito do conhecimento, é que sugerimos, com base em nosso trabalho constante de construção de uma perspectiva de reinterpretação do mundo pelo corpo, que a escola valorize as atividades em que o corpo é chamado a ser sujeito do conhecimento, entre as quais as atividades artísticas, lúdicas e esportivas devem ter uma atenção especial. Por meio dessas atividades é, com efeito, ensinada a convivência, que precisa ser destacada como um conteúdo do processo educativo.

A escola não pode supervalorizar os processos educativos de natureza especificamente intelectual, nem menosprezar sua condição de espaço de convivência. Ela pode ser um lugar privilegiado para se aprender a conviver. Todavia, saber conviver não se reduz a mera aquisição de regras de convivência. Esse saber é, antes de tudo, construir formas de se familiarizar com o outro, respeitando a sua dignidade. Não há como fazer isso a não ser por meio da corporeidade.

Pela corporeidade, o ser humano faz do outro um mediador de sua existência. Seja na condição de emissor ou receptor de formas expressivas, o corpo insere o ser humano de forma ativa e passiva no espaço social, de modo que “não somos meras máquinas que manifestam reações físico-químicas. Somos corpos que carecem do outro” (CAMINHA, 2009, p. 30). Portanto, precisamos ser educados corporalmente do ponto de vista da convivência social.

A vulnerabilidade, a carência e o desamparo são marcas de nossa existência corporal. Todavia, por isso mesmo, o corpo é uma forma de vida moldada pelas interações sociais. O ser humano constrói socialmente seu corpo. “O homem não é produto do corpo, produz ele mesmo as qualidades do corpo na interação com os outros e na imersão do campo simbólico” (LE BRETON, 2007, p. 18-19). A corporeidade é socialmente construída, permitindo a formação de uma estrutura simbólica que reúne os mais variados estilos de vida.

## Educação e atitude de reaprender a ver o mundo

A fenomenologia, que nos estimula a voltar constantemente ao mundo tal como o experimentamos diretamente pela percepção, nos chama para reinventar nossa forma de pensar. A partir desse olhar, o foco da escola não deve ser o de assegurar uma acumulação de conteúdos aprendidos, mas o desenvolvimento pessoal e a autorrealização por meio do diálogo com diferentes perspectivas de pensar.

Com base no enfoque fenomenológico, que se recusa a considerar o comportamento humano do mesmo modo que o funcionamento das máquinas, a ação pedagógica do educador deve se guiar pela perspectiva de que o fazer humano é resultado de uma ação pessoal e concreta. A educação, que forma para o mundo do conhecimento e do trabalho, deve ajudar o educando a resolver conflitos, participar de projetos de cooperação e considerar a diversidade de intenções e desejos do grupo social em que ele convive com os seus semelhantes.

O paradigma fenomenológico, que reage à idealização do mundo das coisas com base na concepção de que o sujeito que conhece é um doador de sentido, nos mostra que os educadores devem valorizar o desenvolvimento integral da pessoa, considerando sua inteligência e sensibilidade. Nesse sentido, a autonomia, a responsabilidade, a solidariedade, a criatividade e a iniciativa devem substituir o mero conformismo da ordem estabelecida. Do ponto de vista fenomenológico, o sujeito ético, estético e político deve ser

uma referência permanente da formação humana por meio da autonomia, sensibilidade e cidadania.

A fenomenologia nos ajuda a nos recusarmos a ver o educando como um indivíduo que se apossa de conhecimentos e habilidades para se integrar ao mundo globalizado como força de trabalho eficiente. O educando não é um número de uma massa amorfa, mas sujeitos de intenções e desejos que precisam ser emancipados pela força da responsabilidade, contestação e resistência. Nesse sentido, o educador não pode ser um mero cumpridor de programas pré-estabelecidos. Pelo viés fenomenológico da busca permanente de se reaprender o mundo, a educação não é o processo de padronização de pessoas, nem a mera transmissão de conhecimentos, mas a produção de modos de se viver por meio da busca de se situar como sujeito no mundo.

A perspectiva fenomenológica, usada como referência para orientar a prática pedagógica, é um indicativo de que o sujeito da aprendizagem é o centro da atenção educativa e não os conteúdos que serão ensinados. O educando não pode ser reduzido a uma enciclopédia, nem o educador ao especialista que constata, por meio de processos avaliativos, que os educandos respondem corretamente saberes já estabelecidos de modo uniformizado.

Cada educando é um aprendente que se associa a outros para constituir uma comunidade de aprendentes. Pelo viés fenomenológico, concebe-se a educação como uma prática formativa que valoriza a percepção do sujeito. O espaço escolar deve valorizar as vivências educativas dos sujeitos aprendentes. A escola deve ser um espaço de construção de situações educativas que levem aos sujeitos aprendentes relacionarem sua condição existencial com os conteúdos ministrados. A vida educativa não deve ser concebida como um projeto fechado às convenções do sistema institucionalizado pelo Estado. É preciso inspirar à audácia de ser criativo.

Com isso, todavia, não queremos dizer que somos contra a criação de um sistema educativo regido pelo Estado e amparado judicialmente. Toda nação necessita de um sistema educativo como um projeto de Formação nacional. A instauração de um processo educativo precisa de uma *Paidéia*, isso é, de um projeto de formação. Mas tal projeto não pode servir de modelo formativo desconsiderando o caráter criador da cultura.

A educação não deve ser apenas um processo de aquisição de um legado cultural. A fenomenologia nos ensina a necessidade de constantemente reaprendermos a ver o mundo. Somos seres inacabados. A educação não poder ser vista apenas por meio de uma perspectiva fixa.

Nesse sentido, fortalecer o sentido de sujeitos aprendentes que se renovam ao longo da história é a grande contribuição que a fenomenologia tem a oferecer à educação.

O estado educa seus cidadãos para que eles sejam produtivos. Eles precisam servir aos estados nacionais. Mas os humanos não vivem apenas do reino da necessidade ou da ordem política estabelecida. Eles são livres. Evidentemente, esta liberdade não é a designação de uma natureza peculiar. A liberdade é uma conquista construída historicamente. A educação pode ser apenas uma atividade associada à tradição. Nosso desafio é fazer da educação uma prática criativa. Não há educação sem conservação de saberes e valores. Mas não podemos considerar a educação desprovida de inventividade, privando-a do desafio de se reaprender a ver o mundo.

Ademais, se somos sujeitos aprendentes é porque aprendemos com o outro. O diálogo é indispensável para se garantir o caráter filosófico da investigação sobre o sentido da educação, para reunir modos diferentes de aprender e reaprender a ver o mundo. Nesse sentido, congregar contrapontos é já um exercício de extrema importância para nos ajudar a consolidar o entendimento de que educar não se reduz a fazer educandos dominarem saberes já consagrados pela ciência, mas antes de tudo, a entender que se educar é construir saberes com outros. A pluralidade de saberes construídos por sujeitos que dialogam, visando ampliar possibilidades diferentes de se compreender o mundo é o cenário que a fenomenologia propõe como prática educativa. Pensar a educação por meio da fenomenologia significa considerar como relevante a subjetividade que se forma pelas ações pedagógicas. Não se é sujeito por natureza. Torna-se sujeito. O ser humano é promovido a sujeito tendo uma educação que se ocupe não somente de acomodá-lo e ajustá-lo à sociedade, mas, sobretudo, de valorizar a experiência da liberdade de pensar e de agir. Mas, não há consciência sem ação. Para a fenomenologia, a consciência não é uma substância que subsiste por si mesma. A consciência, ao contrário, é a ação de se dirigir para o mundo. Ela está sempre voltada para algo. Ela é, antes de tudo, atividade ou ação que se dirige para algo.

Pensar e agir livremente exige a formação de uma consciência crítica capaz de se distanciar do habitual ou do tradicional e perceber de outro modo. Seguir os passos de um modelo educacional inspirado numa perspectiva fenomenológica significa desenvolver uma atitude crítica. “O exercício da atitude crítica se faz pela mediação dos outros que nos questionam e de nós mesmos que nos indagamos” (CAPALBO, 2008, p. 143). Assim, a educação capaz de desenvolver uma atitude fenomenológica

é sempre questionadora. Só assim é possível reaprender constantemente o mundo.

Capalbo (2008) associa a atitude crítica de se distanciar dos saberes habituais com o método fenomenológico de se colocar entre parênteses o mundo concebido pelo senso comum ou pelas ciências positivas. Porém, vale ressaltar que a formação da atitude crítica não significa necessariamente que a consciência seja conduzida à ação. Segundo Capalbo (2008), a posse de juízos esclarecidos, fundados numa consciência crítica, é apenas a primeira etapa do processo educativo com base na orientação fenomenológica. É necessária a instauração de ações transformadoras capazes de realizar atitudes ou gestos de engajamento no mundo em que se está situado.

Desse modo, a educação, concebida numa perspectiva fenomenológica, precisa relacionar a atitude crítica de compreensão do mundo com o compromisso social de transformação social. É por essa razão que destacamos em nossas reflexões uma centralidade dos conceitos de corpo e percepção.

## Conclusão

Corpo e percepção constituem a base de uma educação que segue os passos fenomenológicos. O corpo do educando deve ser considerado como sendo seu próprio corpo, tal como ele é percebido. Ele é responsável pela sua autorrealização como pessoa. A educação se constitui num projeto de formar seres conscientes em suas compreensões e ações como pessoas, conscientes, sobretudo, de que eles são sujeitos de sua própria realização. Ela deve valorizar a diversidade de experiências da percepção de nosso corpo, dando-nos a capacidade de ampliar os horizontes de nossas aptidões para nos dirigirmos ao mundo. Desse modo, pela educação, seria possível não somente ampliar nossa capacidade de representar o mundo em que vivemos, mas, sobretudo, criar novas formas de nos fazer presentes no mundo. Aqui nasce uma forma de se conceber a educação como processo que nos conduz a um movimento de existência. Para colaborar com esse movimento, que é uma abertura engajada com a experiência de reaprender a ver o mundo, a escola precisa ser o lugar de ricas experiências perceptivas e de uma permanente situação dialógica.

## Referências

CAMINHA, Iraquitán de Oliveira. “Corpo vivido e corpo pulsional: um diálogo entre Merleau-Ponty e Freud”. In: BARROS, Neuma, CAMINHA, Iraquitán de Oliveira e ALMEIDA, Ronaldo Monte de. *Narrativas do corpo: textos de psicopatologia fundamental*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2009.

CAMINHA, Iraquitán de Oliveira. *O distante-próximo e o próximo-distante: corpo e percepção na filosofia de Merleau-Ponty*. João Pessoa: Editora Universitária/UFPB, 2010.

CAPALBO, Creusa. *Fenomenologia e ciências humanas*. Aparecida: Ideias e Letras, 2008.

HUSSERL, Edmund. *Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica*. Trad. Márcio Susuki. Aparecida: Ideias e Letras, 2006.

LE BRETON, David. *A sociologia do Corpo*. Trad. Sonia Fuhrmann. 2 ed., Petrópolis: Vozes, 2007.

MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phénoménologie de la perception*. Paris: Gallimard, 1992.

\_\_\_\_\_. *L'œil et l'esprit*. Paris: Gallimard, 1992.

REZENDE, Antônio Muniz de. *Concepção fenomenológica da educação*. São Paulo: Cortez, 1990.

VAN PEURSEN, Cornelis Anthonie. *Le corps-l'âme-l'esprit*. Trad. Marie Claes. La Haye: Martinus Nijhoff, 1979.